



O IMPRESSO *LIÇÕES DE LER* NA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO IMPÉRIO BRASILEIRO

Suzana Lopes Albuquerque¹

Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto²

RESUMO

O presente escrito tem como objetivo apresentar o impresso *Lições de Ler*, publicado em 1832 pela Typografia Nacional e escrito por José da Costa e Azevedo que, dentre inúmeros espaços ocupados, viria a ser o primeiro diretor da Escola Normal de Niterói e o primeiro professor de todas as cadeiras nessa escola. A localização desse impresso ocorreu por uma denúncia do português António Feliciano Castilho, registrada em uma carta à sua mulher, a qual acusava de plágio o professor Costa e Azevedo, por ter feito uma *estropiação* de Joseph Jacotot, e ainda do português António Araújo de Travassos. Para o entendimento desse contexto, utilizamos fontes como cartas, impressos e fontes jornalísticas, fazendo uma leitura com Bittencourt (2004) e Batista e Galvão (2009). Esse cenário de embates entre diferentes propostas de métodos de alfabetização no Brasil Imperial remonta a disputas políticas, filosóficas, sociais, dentre outras, que extrapolam as *querelas* dos métodos pedagógicos.

Palavras-chave: Lições de ler. Império. Brasil.

THE *LIÇÕES DE LER* PRINT IN THE HISTORY OF LITERACY IN THE BRAZILIAN EMPIRE

ABSTRACT

This paper aims to present the *Lições de Ler* print, published in 1832 by the *Typografia Nacional* and written by José da Costa e Azevedo, who, among many occupied spaces, would become the first principal of the *Escola Normal de Niterói* (Normal School of Niterói) and the first teacher of all subjects in this school. The location of this print was due to a complaint by Portuguese António Feliciano Castilho recorded in a letter to his wife, which accused Professor Costa and Azevedo as a plagiarist for having made an *adulteration* of Joseph Jacotot's and of Portuguese António Araújo de Travassos's words. In order to understand this context, we use sources such as letters, printed materials, journalistic sources, reading with Bittencourt (2004) and Batista and Galvão (2009). This scenario of clashes between different proposals of literacy methods in Imperial Brazil goes back to political, philosophical, and social disputes, among others that extrapolate the *quarrels* of pedagogical methods.

Keywords: *Lições de ler*. Empire. Brazil.

EL IMPRESO *LIÇÕES DE LER* EN LA HISTORIA DE LA ALFABETIZACIÓN EN EL IMPERIO BRASILEÑO

RESUMEN

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (2006). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (2013). Doutoranda em Educação na Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa História da Educação e Historiografia. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Panecástica - Homem, Trabalho e Educação Profissional Tecnológica (IFG). E-mail: <sualopes@hotmail.com>

² Doutorado em História Social (FFLCH-USP) pela Universidade de São Paulo, Brasil (1997). Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: <reisboto@usp.br>



El presente escrito tiene como objetivo presentar el impreso *Lições de ler*, publicado en 1832 por la *Typografia Nacional* y escrito por José da Costa e Azevedo, que entre innumerables espacios ocupados, vendría a ser el primer director de la Escuela Normal de Niterói y el primer profesor de todas las asignaturas en esa escuela. La localización de ese impreso ocurrió por una denuncia del portugués Antonio Feliciano Castilho, registrada en una carta a su mujer, la cual le acusaba de plagiar al profesor Costa e Azevedo por haber hecho una *adulteración* de Joseph Jacotot, y aún del portugués António Araújo de Travessos. Para la comprensión de ese contexto, utilizamos fuentes como cartas, impresos y fuentes periodísticas, haciendo una lectura con Bittencourt (2004) y Batista y Galvão (2009). Este escenario de embates entre diferentes propuestas de métodos de alfabetización en Brasil Imperial se remonta a disputas políticas, filosóficas, sociales, entre otras que extrapolan las *querellas* de los métodos pedagógicos.

Palabras clave: *Lições de ler*. Imperio. Brasil.

Introdução

O trabalho com impressos pedagógicos que circularam no Império Brasileiro possibilita uma reflexão acerca dos meios de sua reprodução. A contemporânea rapidez na reprodução de livros didáticos é contrastada com um número ínfimo de impressos referentes ao tema da alfabetização no Brasil Oitocentista. Observa-se, a partir da constituição da máquina da imprensa escolar, uma crescente rapidez na acessibilidade de circulação dos textos escolares que, nesse momento histórico Oitocentista, não encontrávamos.

O impreso *Lições de Ler* (1832), produzido pelo diretor da Escola Normal, Costa e Azevedo, foi localizado em diferentes fontes, como nos relatórios dos presidentes que apontavam solicitações mensais para a reprodução de 10 a 12 exemplares, conforme mostra a Figura 1, um número irrisório, se comparado às produções das grandes editoras na atualidade.

As condições de produção dos textos pedagógicos também sofreram modificações ao longo dos anos. Segundo Batista e Galvão (2009), os livros no nosso Brasil Oitocentista geralmente eram *utilizados pela* escola como o catecismo, ou *destinados à* escola, como a produção de livros como *O Ateneu* que, entretanto, não era produzido para ser um livro didático.

Aspectos ligados ao próprio processo de produção desses textos (serem produzidos para a escola, destinados à escola ou utilizados pela escola) são também fatores que dificultam a conceituação e a apreensão desse gênero de produção intelectual e que evidenciam as estreitas relações do “impresso”

escolar com outras esferas da cultura. Estudar esses “impressos” parece ser também estudar, de modo central, as relações – de subordinação, transformação e de tensão – entre a cultura escolar e outras esferas da produção cultural (BATISTA E GALVÃO, 2009, p. 49, grifos do autor).

Figura 1 – Solicitação de materiais para a Escola Normal de Niterói (1839-1840)

6.ª Tabela demonstrativa do orçamento da despesa da provincia do Rio de Janeiro para o anno financeiro de 1839-1840.			
COM A ESCOLA NORMAL.			
PERSONAL.			
EMPREGOS.	NOMES.	LEGISSLAÇÃO.	ORDENADO.
Director	José da Costa Azevedo	Lei provincial de 4 de abril de 1833, n.º 40.	1.600\$000
Porteiro	José Antonio de Carvalho	Orçamento..	141\$000
			1.741\$000
MATERIAL.			
Aluguel da casa			360\$000
Despesa com azeite d'ella			50\$000
Consertos e reparos d'intensio			50\$000
Despesas diferentes de papel, pennas, &c.			12\$000
Doze exemplares das lições de leitura			7\$000
Doze exemplares das lições de ler			42\$000
Doze exemplares dos mappas estatísticos			21\$000
Doze exemplares da historia de Simão de Nantua			36\$000
Doze exemplares das poesias sacras e profanas do padre Antonio Pereira de Souza Caldas			48\$000
Doze exemplares da Santa Biblia			48\$000
Doze exemplares de geometria de Violla Barboza			80\$000
Doze exemplares dos elementos de geographia, e de cronologia, impressos em Coimbra			36\$000
Doze exemplares dos sinonimos da lingua portugueza por Fr. Francisco de S. Luiz			12\$000
Doze exemplares do glossario de Fr. Francisco de S. Luiz			832\$000
			Total. 2.370\$000
OBSERVAÇÃO.			
A despesa com varios artigos do material foi calculada debeixo da hypothese de se matricularem dize individuos no decurso do anno.			

Fonte: [Brazilian Government Document Digitization Project](http://www.brazilian-government-document-digitization-project.org/) (1839).

O impresso de Costa e Azevedo, mesmo em um período tão recuado, pode ser considerado uma das primeiras tentativas de se produzir, no Brasil, um material específico para a Escola Normal de Niterói. Analisando suas condições de produção, observa-se um contexto de tensão e posicionamentos políticos com seu embate com o português Antonio Feliciano Castilho.

Se o livro ficou historicamente associado ao aluno, nesse momento, a circulação desses impressos produzidos para a escola era restrita ao uso dos professores no processo de ensino e formação. Tal produção e circulação estavam permeadas por relações de força entre os diferentes grupos sociais e pela ação estatal.

Esse material que constrói diferentes modos de articulação com o trabalho de ensino é, por fim, um objeto multifacetado, cujas diferentes dimensões

estão relacionadas às condições com base nas quais é construído. Ele é uma mercadoria e, como tal, é dependente das condições materiais, econômicas, técnicas e institucionais em torno das quais se organiza o campo editorial, numa determinada época, no quadro de uma determinada sociedade (BATISTA E GALVÃO, 2009, p. 66).

Essa mercadoria empregada pela escola, ou produzida para ela, é dependente das relações de força e do modo como o Estado, por meio de sua ação, legítima ou deseja mudar tal estrutura. Ao diferenciar em duas gerações os autores de compêndios e livros de leitura no Brasil entre os períodos de 1810 a 1910, Bittencourt (2004) define essa relação de poder e aproximação dos grupos de intelectuais com o Estado.

Os autores da primeira geração faziam parte de um grupo de intelectuais próximos ao poder do Estado; além de formação acadêmica e de seus contatos internacionais com o mundo científico, eram figuras de destaque nos meios políticos.

Tais autores possuíam, portanto, estreitas ligações com o poder institucional responsável pela política educacional do Estado, não apenas porque eram obrigados a seguir os programas estabelecidos, mas porque estavam “no lugar” onde este mesmo saber era produzido (BITTENCOURT, 2004, p. 481, grifos do autor).

Tratavam-se de intelectuais pertencentes “a uma elite intelectual e política da recente nação” (BITTENCOURT, 2004, p.480), que transitavam por diferentes campos com a participação em instituições, como o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB).

A concepção do livro e sua destinação eram determinações quase exclusivas do poder político educacional. A autorização para reprodução dos impressos perpassava, majoritariamente, pela liberação por parte dos sujeitos ligados a essa elite intelectual.

Compêndios, cartilhas eram textos que precisavam da aprovação institucional para que pudessem circular nas escolas, o que acabava por direcionar as opções dos editores na seleção dos autores. Entende-se, portanto, a preferência por autores oriundos do Colégio Pedro II ou da Academia Militar (BITTENCOURT, 2004, p. 482).

Lograr espaço de autor no limitado corpo das publicações dos impressos circulados nas províncias brasileiras era um ato de tensão que extrapolava o espaço da escola. Tais autores, como Costa e Azevedo, faziam parte de diferentes espaços, como associações de instrução elementar e no campo político.

1. *Lições de ler* de Costa e Azevedo: em cena a alfabetização na Corte brasileira

A admiração pela posição social que Costa e Azevedo despertou no presidente da província do Rio de Janeiro, por sua atuação junto à Academia militar³ e na direção do Curso Normal, possibilitou que ele se inserisse em uma rede de poder e que atuasse como professor e autor de obras pedagógicas, chegando a travar embates com o português Castilho, que também lograva tal admiração de D. Pedro II, de quem recebera o convite para ministração do seu curso.

Interessante pontuar com Batista e Galvão (2009), que os textos que circularam na Instrução Oitocentista não se limitavam aos impressos: faziam parte desse *corpus* documental manuscritos, como diários de aula de professores; matrizes e cópias de mimeógrafos; mapas; globos; fichas; cartazes; folhetos; cadernos; dentre outros.

Para além da tradução de obras francesas, Costa e Azevedo produziu um material para as *Lições da Instrução Elementar*, denominado *Lições de Ler*, dedicado às suas filhas Maria Joanna e Maria Julia, composto de 52 lições para a alfabetização das crianças.

Tal material foi adotado pela Sociedade da Instrução Elementar⁴ do Rio de Janeiro e colocado em prática na Escola dessa Sociedade, na qual Costa e Azevedo era diretor.

A segunda Sociedade de Instrução que temos a falar, como uma das mais interessantes, é a Sociedade de Instrução elementar [...] O método que ela tem adotado, é do atual Director o Sr. José da Costa Azevedo; e é a este método, e a esta sabia Direção, a quem se deve a justa celebridade de que já goza esta Aula; e quem quiser pôr-se melhor ao fato da excelência deste método pode consultar os Mapas estatísticos desta Escola, publicados pelo seu Director (CORREIO OFFICIAL, 1836, edição 81, p.323).

Os impressos de Costa e Azevedo, como as *Lições de Ler*, não tiveram sua circulação limitada à Escola da Sociedade de Instrução Elementar do Rio de Janeiro. Nogueira (1938)

³ Segundo Nogueira (1938, p. 28), Costa e Azevedo recebeu, da Academia Militar, o grau de doutor em Matemática e Ciências Naturais, sendo professor de desenho descritivo. Enquanto aluno premiado, foi classificado com *primus inter pares*.

⁴ A Sociedade presidia o Colégio de Instrução Elementar, estabelecido na Rua do Lavradio, 17. As disciplinas lecionadas da Instrução primária compreendiam “leitura e ortografia, caligrafia, noções d’ideologia e de gramática geral, aritmética, religião do Estado” a Instrução elementar compreendia “álgebra e geometria elementar, geografia e cronologia, história universal, noções de retórica e de poética, filosofia, escrituração mercantil: a língua latina, a grega, a francesa, a inglesa, e a alemã: dança, música e desenho (ALMANAK, 1847, p. 266).

apresentou a circulação desses impressos em um educandário particular com a dotação orçamentária do ano de 1839-1840, onde estavam discriminadas as despesas, incluindo a aquisição de *Lições de Ler* de Costa e Azevedo. Eram as fontes necessárias na pesquisa para indicar uma possibilidade de circulação dos materiais escritos pelo adversário de Castilho.

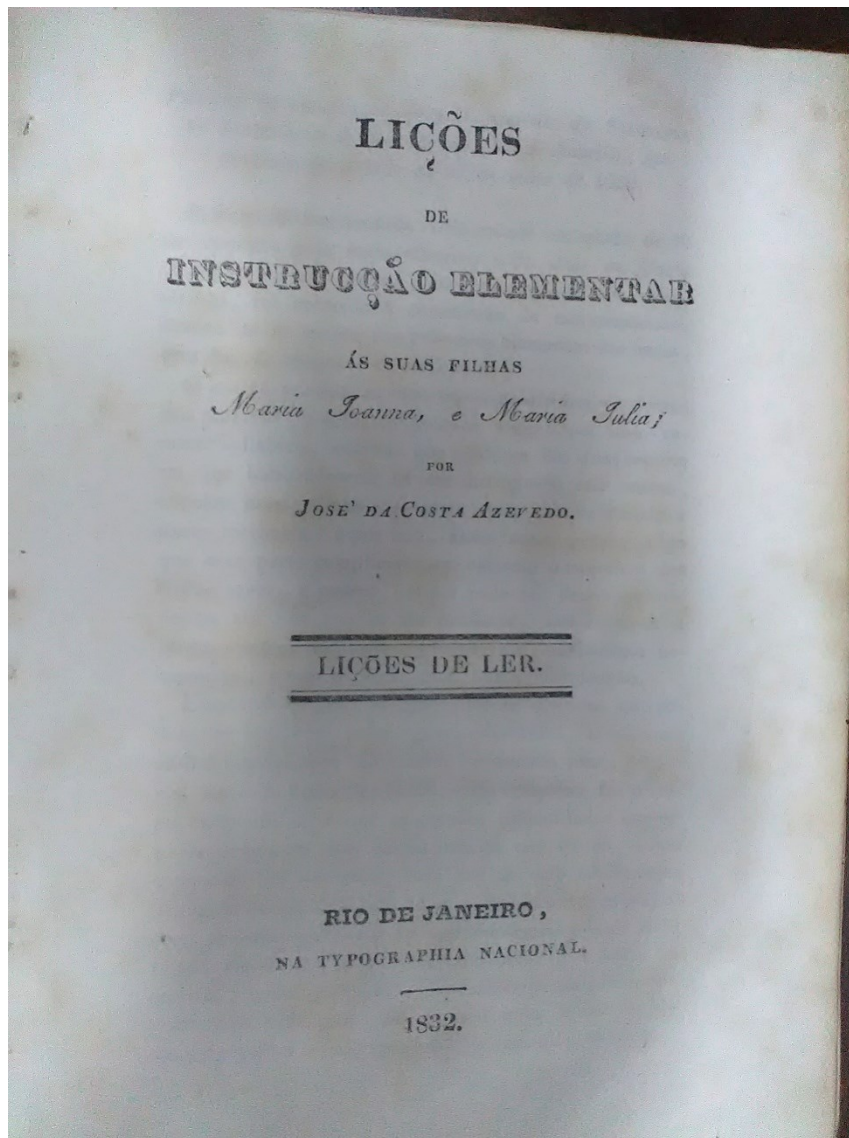


Figura 2 – Capa do impresso *Lições de Ler* de autoria do Costa e Azevedo. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Obras Gerais (IV-132,3,44).

A denúncia de plágio da parte de Castilho ocorreu devido às resistências que Costa e Azevedo apresentara no curso de Castilho na Corte brasileira, em 1855. Castilho registrou em carta para sua mulher, seu desânimo com os frequentadores do seu curso no Brasil, e caracterizou seu público como nacionalistas que recusavam qualquer experimentação

por dizerem estar utilizando um método propriamente brasileiro que, para Castilho, tratava-se de apropriação das bases do método do francês Joseph Jacotot.

Quanto ao curso, creio que não posso dizer outro tanto, foi muito frequentado, mas nada mais. Esta gente é indolentíssima; tem ainda uma qualidade pior, ou que pelo menos foi pior para o nosso caso: leva o seu patriotismo a um ponto de fúria que faz rir. Como o método é português, e eles têm aqui um chamado Costa Azevedo, que fez uma redução e estropiação de Jacotot, impresso há vinte e um anos, mas desconhecido, pode-se dizer que, por toda a gente, se aproveitaram da franqueza com que sempre convido a discutir e objectar, para virem pôr seus reparos, sob formas muito corteses na verdade, mas completamente sofisticadas e de péssima fé. Todos os seus artigos se reduzem, em última análise a que é melhor ensinar a ler por sílabas, somando-as como elementos da palavra; bestice inclassificável e imperdoável (CASTILHO, 1975, p. 285).

Além da denúncia de plágio de Jacotot, Costa e Azevedo também fora acusado de plagiar a obra de Travassos. No decorrer da nossa pesquisa, localizamos o material de António Araújo Travassos (1820) para analisar as permanências e rupturas entres essas matrizes portuguesa, francesa e sua apropriação no Brasil.

2 Análise da *Lições de ler* (1832), de Costa e Azevedo: permanências e rupturas com Castilho, Jacotot e Travassos

Analisar a obra de Costa e Azevedo nesse contexto de engendramento da história dos métodos de alfabetização no Brasil Oitocentista é imprescindível para entender as queixas de Castilho, motivadas por esse sujeito, bem como os embates em solo brasileiro.

A obra de Costa e Azevedo para o ensino da leitura e escrita é datada de 1832, sendo dedicada às suas filhas Maria Joanna e Maria Julia, conforme exposto anteriormente. Em um momento de prevalência do masculino, Costa e Azevedo dedicou sua produção à suas filhas, e concluiu sua obra militando pela “causa das nossas jovens, desejando-lhes escolas separadas, e dirigidas por matronas respeitáveis e instruídas; e a estas últimas uma gratificação, que as abrigue da necessidade” (COSTA E AZEVEDO, 1932, p. 54). Era a defesa pela valorização da mulher aluna e mulher mestre.

Na primeira página de sua obra *Lições de ler*, há um parecer da Comissão de Melhoramento da Sociedade de Instrução Elementar do Rio de Janeiro, aprovado em sessão de 27 de maio de 1832, sugerindo a publicação do impresso *Lições de ler*, bem como sua adoção nas escolas do Império. Há, inclusive, uma promessa de comprometimento de pagamento dos custos da impressão do periódico pela própria Sociedade.

As palavras iniciais contidas no parecer dessa Comissão nos causam estranheza. Acostumados com tantas críticas lançadas por Castilho à Costa e Azevedo devido sua filiação ao método global de Jacotot, deparamos com proximidades com o Método Castilho na supremacia do valor fônico e na tomada da *parte* decomposta dessa palavra falada: em Castilho, a letra; e em Costa e Azevedo, a sílaba, enquanto elementos de partida. Consta no parecer que

o autor admite os sons como os últimos elementos das palavras, e representando-os sempre por um carácter silábico, entende que qualquer das duas seções em que habitualmente se tem distinguido este ensino, envolve essencialmente a outra, não compreendida a parte mecânica; e por isso, assim como porque julga que esta parte complicaria em extremo o exercício das lições orais, e mesmo porque pode sem desempenhada depois até sem auxílio de professor, reduzindo-se a uma simples imitação, e hábito nos movimentos necessários, a tem deixado para uma outra secção (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 6).

Assim como Castilho, em sua lição inicial, Costa e Azevedo justificou sua ruptura com o antigo método de soletração defendendo, porém, sua posição pelo ensino da sílaba como ponto de partida. Para ele, o soletramento

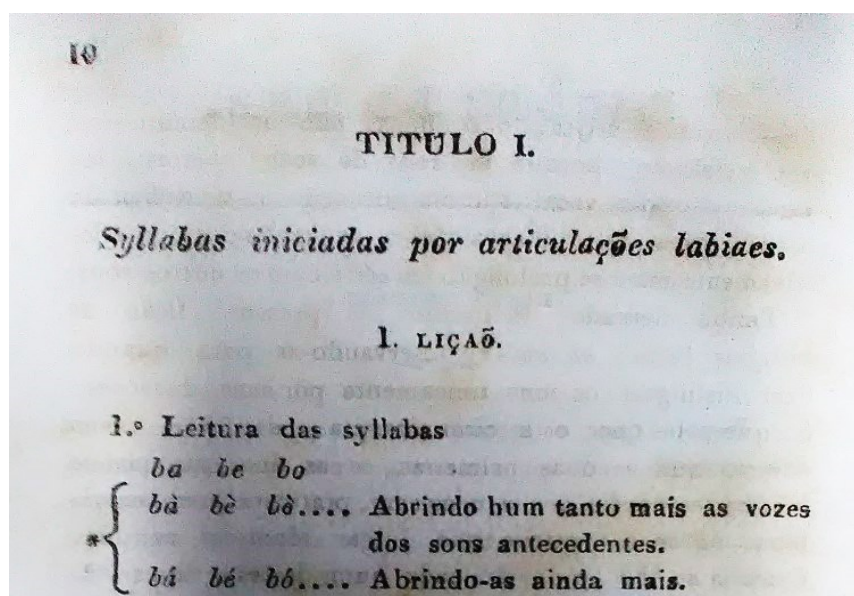
tido e havido como indispensável no ensino da leitura; e é, que a ação de nomear uma por uma, ou antes só por só, as letras de uma sílaba, leva-nos a crer, que os sons silábicos são os resultados de dois, ou mais sons elementares; e, inutilizando o silabamento pela interrupção dos sons, faz que o discípulo com mais dificuldade consiga em fim pronunciá-los seguida e rapidamente (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 9).

Após ataques anunciados em jornais, relatórios e cartas que ligaram o nome de Costa e Azevedo ao método global de Jacotot, observa-se, na análise de sua obra *Lições de Ler*, que ele não rompe com o método sintético, partindo do ensino das sílabas limitadas ao conhecimento dos sons e suas diferentes relações gráficas. Procurando em cada lição facilitar

a assimilação das sílabas em sua composição sonora, sua preocupação era fazer com que o discípulo compreendesse a representação desse som por um sinal gráfico.

A filiação de Costa e Azevedo ao método sintético perpassou toda a sua obra. O título I da primeira lição é *Syllabas iniciadas por articulações labiais*, e tal composição é apresentada ao longo das restantes 53 lições. Seu material estava pautado em uma análise silábica com a respectiva correspondência sonora em suas diferentes representações gráficas.

Figura 3 – Primeira lição das Lições de Ler de José Costa e Azevedo.



Fonte: COSTA E AZEVEDO (1832, p.10).

As ideias de Costa e Azevedo foram publicadas em suas lições. A fonte impressa serviu como meio divulgador de suas obras, chegando, inclusive, a descrever o modo correto de utilização de seu método, como discorre a matéria circulada no Diário do Rio de Janeiro.

Observações tais feitas sobre outras palavras convenientemente escolhidas darão a série das sílabas ba, be, bo, bà, bè, bò, bá, bé, bó, e o discípulo passará a ler a 1ª das Lições de ler por J.C.A, e a escrevê-la quando repetida pelo monitor, pois é indispensável firmar bem na memória a figura de uma letra antes de passar a uma outra. Tomem-se agora outros nomes como lado, lédo, lódo, e o discípulo observando que os sons lá, lé, ló, acabam por serem ouvidos da mesma maneira que os outros bá, bé, bó, empregará as letras já inventadas á, é, ó, na figura da circunstância comum aos sons lá, bá; lé, bé; ló, bó, e a letra l na da circunstância particular aos primeiros sons de cada um destes grupos (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1846, p. 4).

Na busca por ruptura com o ensino sintético, Costa e Azevedo não desprende da silabação como ponto de partida do ensino da leitura,

chegado a este ponto, escolher-se-á uma palavra qualquer como bála para ele escrevê-la silabicamente da seguinte maneira bl, representadas por, b e l as duas sílabas bá, e la: para transitá-la depois à escritura alfabética tomem-se as palavras bela, bóla, e ele observando que os seus primeiros sons bé, bó começam a ouvir se da mesma maneira que o bá de bála, e que diversificam passado o primeiro momento de sua emissão, sentirá que para distinguir os sons bá, bé, bó, de entre si, importa usar de um meio qualquer como seja o de reservar a letra b para a escritura daquilo em que eles se assemelham, e de inventar outras letras quais á, é, ó, para a escritura daquilo em que eles diversificam (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 1846, p. 4).

A sequência lógica da apresentação das sílabas, de forma gradual de dificuldade, foi vislumbrada por Costa e Azevedo visando a uma racionalização que

obter-se-á uma outra série de sílabas sobre as quais praticar-se-á o mesmo que sobre as antecedentes, entrando também com elas em variadas permutações; e assim se prosseguirá tendo em vista a doutrina e a marcha seguida nas citadas *Lições de ler* (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 1846, p. 4).

Na introdução à oitava lição, Costa e Azevedo afirmou que usara o silabamento como ponto de partida do processo até o presente momento, desconsiderando o seu uso a partir daquelas lições por julgar “desnecessário de agora em diante; e o seu uso, quando prolongado, habitua o discípulo a arrastar as sílabas, e a ler vagarosamente” (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 10). Observa-se, porém, que a composição silábica apresentava-se como forma de estruturar suas lições até o final de sua obra.

A marcha sintética apresentada na obra de Costa e Azevedo partia do ensino dos elementos simples e conhecidos ao desconhecido. Apesar dos embates travados no campo filosófico e político com Castilho, ambos estavam em consonância na composição de um método para o ensino da leitura que partia das *partes*. Porém, em Costa e Azevedo, a leitura destas ocorria pela “leitura das sílabas, para um silabamento das combinações duais das sílabas e posterior leitura seguida das combinações efetuadas” (COSTA E AZEVEDO, 1832, p.11).

O desafio do *todo*, da Filosofia Panecástica de Jacotot, não foi contemplado por Costa e Azevedo em suas *Lições de ler*. O contato do aluno com o *todo* do livro, da música, da poesia, dentre outros, não era o pontapé inicial no processo de ensino da leitura, sendo

destinado a estes as seis últimas lições. O prêmio do *todo* era reservado aos alunos que atravessassem as agruras de uma sequência silábica lógica em sua sonorização e representação do som em sinais gráficos, conforme pode ser observado na exposição da obra em suas diferentes lições.

Quadro 1 – Planilha sistematizada sobre as *Lições de Ler* – Costa e Azevedo (1832)

Título 1	1ª Lição	Syllabas iniciadas por articulações labiaes: ba be bo; bà bè bò; bá bé bó
	2ª, 3ª, 4ª, 5ª Lições	Syllabas pa, va, fa, ma
	6ª Lição	Syllabamento das combinações binarias das silabas nº 1 das lições precedentes <i>bafo</i>
Título 2	7ª Lição	Algumas syllabas iniciadas por articulações linguaes: d
	8ª Lição	ta te to
	9ª, 10ª, 11ª e 12ª Lições	l, z, j, n
	13ª Lição	s, ç
	14ª Lição	c, q
	15ª e 16ª Lições	r are ro; Ra (rra) Re (rre) Ro (rro)
	17ª Lição	Ga ge [soando gue] go
Título 3	18ª Lição	Syllabas iniciadas por articulações brandamente aspiradas ha, he, ho
	19ª Lição	
Título 4	20ª, 21ª, 22ª Lições	Outras syllabas iniciadas por articulações linguaes: Ch, nh, lh
Título 5	23ª Lição	Distincção das syllabas pelas durações
Título 6	24ª Lição	Combinações syllabicas mais subidas: falido tabáco errádo
	25ª, 26ª Lições	Leitura syllabada de combinações quaternarias: batatáda
	27ª Lição	Leitura de palavras esdruxula – hábito, metáfora, metafísico
	28ª Lição	Leitura de palavra com duas syllabas acentuadas
Título 7	29ª, 30ª, 31ª Lições	Primeiro passo para a leitura da escrituração vizual
Título 8	32ª, 33ª Lições	Vozes nazaes
Título 9	35ª, 36ª, 37ª, 38ª Lições	Supressão da vogal é: baré – bar; bélá – blá; (bla, pla, fla, cla, gla)
	39ª Lição	pra, vra, fra, dra, cra, gra, tra
	40ª Lição	Combinação de syllabas convencionaes: fulgor clamor
Título 10	43ª Lição	Duplicação das letras; letras do grande abecedário; que, gue, ge, gi, je, ji, çe, çí

Título 11	44ª Lição	Letras do grande abecedário
Título 12	45ª a 47ª Lições	Segundo passo para a leitura da escrituração uzual
Título 13	48ª a 53ª Lições	Leituras (prosaicas, eloquentes, poezias patrióticas, poezias sublimes, discursos)
Título 14		Disciplina das aulas
Título 15		Edifício das aulas

Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

O apreço pela sonoridade unia Costa e Azevedo e Castilho, assim como a presença dos decuriões, que eram alunos adiantados da turma que ensinavam um grupo de decúrias, ou seja, grupo de dez alunos que estavam em grau de adiantamento inferior. A sonoridade em Castilho é percebida pela decomposição da palavra falada, principiando, porém, seu ensino pelas letras, enquanto Costa e Azevedo parte das sílabas. Apesar das críticas ferrenhas ao ensino mútuo feita por Jacotot, observa-se que seu seguidor, Costa e Azevedo, o utilizara explicitando isso em material que circulou em território brasileiro.

[...] lições serão permanentemente traçadas, ou sobre planos de alvo cartão, ou sobre papel grosso colado em finas lâminas de madeiras; e, posto o plano da lição em distância e elevação suficiente, o decurião da bancada ou classe, com um estilo apontando para a sílaba ou nome, marca o instante quanto todos ou alguns deles o devem repetir; sobre tábuas ou panos encerados serão escritos [...] (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 12).

Em cada classe haveria seu decurião, bem como um material escolar utilizado para registro das lições chamado *taboa* e seus planos. Os princípios da simultaneidade e da seriação lograram espaço na proposta pedagógica de Costa e Azevedo, que justificou a utilização de decuriões.

Os discípulos mais adiantados da escola de escrever serão detalhados aos dias para substituírem o professor na escola de ler; e os discípulos prontos na leitura se revezarão nos decuriamentos das diferentes classes, até que sejam despedidos para outra escola (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 52).

A simultaneidade do ensino em Costa em Azevedo estava em consonância com sua proposta de conservar a ordem em cada uma das classes sob a direção de um único professor. Múltiplos alunos reunidos, regidos por um professor, com diferentes classes, sendo avaliados de forma individual.

Os exercícios recomendados na 23 lição devem de ter conduzido o discípulo à leitura de discursos pontuamente escritos, a pausar, e a flexionar o som, etc; e assim, tendo ele adquirido já o hábito da aplicação, pode agora ser deixado a si mesmo para estudar a sua lição; devendo o professor, á hora assinada, tomar contas individualmente, a um por um, daquilo que houverem estudado (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 47).

A classe regida por um único professor, compassando a marcha sintética do aluno, é um ponto de intersecção entre Castilho e Costa e Azevedo. Em Castilho, a máquina que ele denominou compassador ritmava a marcha; em Costa e Azevedo, as pancadas do decurião, com o ponteiro, visavam a “compassar com isocronismo e sem precipitação” (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 29).

Pensando na cultura material escolar presente nas aulas de Costa e Azevedo, depara-se com a confecção de cartas, bem como letras fixadas em “lâminas de madeira, encaçadas em um delgado cabo; e o menino, empunhando-o com a mão esquerda, terá na direita um ponteiro, para o ir discorrendo sobre os nomes” (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 29).

A carta de nomes, copiada do cartão em papel grosso e com letra bastardinha deveria ser levada para casa, conforme o adiantamento dos alunos, para o exercício de memorização, sendo levado o recado para que os “de casa não metam a fazer-lhe perguntas, dar-lhes explicações, ou corrigir-lhes os erros” (COSTA E AZEVEDO, 1832, p. 15). Estava fixado um projeto instrucional que saía do âmbito doméstico, em consonância com um projeto público.

Contrapondo nossa análise sobre o método de Costa e Azevedo, a matéria divulgada no Diário do Rio de Janeiro em 1846 definia seu método enquanto “ensino analítico da leitura” por iniciar o processo pela “decomposição das palavras, a numeração e a distinção das sílabas de que elas compõem” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1846, n.7131, p. 4).

Esta maneira de ensinar a ler colocando o discípulo no lugar daqueles que inventaram a escritura alfabética apresenta (e nem pode deixar de o fazer) bem distintas as duas partes analítica e sintética que se apregoam como dois dos elementos principais do método de Jacotot; é na primeira que o discípulo decompõe as palavras nos sons de que elas são formadas, e os sons nas circunstâncias que os acompanham, e é na segunda que eles reunindo os signos convencionais para figurar a sílaba, e as sílabas para figurar as palavras, mete em obra os materiais que ele tem ajuntado (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1846, n.7131, p. 4).

Pensando na perspectiva de longa duração, observa-se que as rupturas que Costa e Azevedo evocou para si, não se materializaram na escrita de sua obra *Lições de Ler*. Porém, é imprescindível registrar que, ali, apresentavam-se posições antagônicas no campo dos métodos de ensino e na possibilidade de o Império adotar uma matriz nesses diferentes posicionamentos. Esse embate Imperial denuncia uma ambivalência no ensino da leitura e escrita presente no método de Costa e Azevedo, que evoca para si uma marcha analítica, mas se materializa no campo das *partes*, na introdução pelas sílabas, em uma marcha sintética e graduada.

Aliada à denúncia de plágio da obra de Jacotot por parte de Costa e Azevedo, Castilho também o acusa de ter reproduzido o ensaio do português António de Araújo Travassos.

Averiguadas as coisas, nada daquilo era assim. O Método do tal Costa era tanto o meu como eu sou o sultão de Constantinopla. Não é sequer um método brasileiro, mas uma reprodução, às vezes textual, do Português António de Araújo Travassos, por mim citado no prólogo das últimas edições, e que inteiramente caiu em desuso, se jamais chegara a ser o que se chama usado (CASTILHO, 1975, p. 287).

Castilho denunciou um possível plágio de Costa e Azevedo ao impresso de Jacotot por ambos anunciarem um método analítico. Uma análise minuciosa aponta, porém, que, apesar de Costa e Azevedo anunciar essa filiação metodológica, seu impresso *Lições de Ler* não rompe com o ensino silábico em sua valoração sonora.

Já a denúncia de Castilho ao possível plágio de Costa e Azevedo ao impresso de Travassos residia, contudo, na semelhança entre a estrutura organizacional dessas obras, pois ambas apresentavam uma semelhança entre os títulos das lições, tendo como pontapé inicial o ensino as sílabas em suas valorações sonoras.

António de Araújo Travassos, conforme consta na capa de seu *Ensaio sobre hum novo modo de ensinar a ler e Taboadas para a multiplicação dos numeros de 1 a 100 por cada hum dos mesmos numeros*, foi um oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda e Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, onde escreveu vários trabalhos como, por exemplo, o primeiro volume dos *Annaes das Sciencias, das Artes, e das letras; por huma*

sociedade de portugueses residentes em Paris, publicado em 1820. O autor expõe a publicação de seu método em 1812 no Jornal de Coimbra, bem como sua adoção nas Escolas Militares.

Esse ensaio foi publicado em 1820, sendo oferecido a Fernando Maria de Sousa Coutinho Castello Branco e Menezes⁵, vice-presidente da Sociedade de Ciências e Artes de Lisboa, visando a “concorrer para ganhar o patrocínio que Vos. Exc. costuma conceder às Ciências e Artes” (TRAVASSOS, 1820, p. III). Outra menção honrosa feita no prólogo de seu ensaio destinou-se ao Senhor Henrique Boys, responsável, de acordo com Travassos, pela introdução do Método Lancaster em Portugal, uma vez que sua

filantropia deveu Portugal a primeira coleção que aqui se viu de todas as cartas pertencentes ao dito método, além de quatorze livros e folhetos em que ele está descrito e explicado com a maior clareza e individuação pelo referido autor, e pelo benemérito André Bell (TRAVASSOS, 1820, p. 17).

Além do sentimento de gratidão que Travassos desejava despertar na nação portuguesa pelo Senhor Henrique Boys, ele registrou sua gratidão pessoal pela “generosa dádiva que em 1814 se dignou fazer-me daquela preciosa coleção e respectivos livros, só por lhe constar que eu havia trabalhado com algum aproveitamento neste importante objeto” (TRAVASSOS, 1820, p. 17-18). No prólogo de seu ensaio, Travassos afirma que a escrita de seu método é o resultado de uma experiência de 26 anos de comprometimento com o prazo de 2 a 3 meses para o ensino da leitura e escrita.

Assim como em Costa e Azevedo, o pontapé inicial nesse ensino é a sílaba em sua valoração sonora, caracterizando o método da antiga soletração como *mau*, pois,

por melhor que saibam o nome de cada letra e de cada sílaba, conforme com o mau método, pelo qual lhes tem sido ensinadas, sempre necessitam de adivinhar a palavra formada dessas letras, e dessas sílabas; porque umas vezes devem lêr-se de um modo, e outras vezes mui diferentemente (TRAVASSOS, 1820, p. 11).

Castilho lera Travassos e resultaram algumas aproximações, bem como afastamentos. Em consonância com o método *velho*, denunciado por Castilho, o método *mau* em Travassos denunciava a escola em que a criança era conduzida de forma “arrastada, eis aí

⁵ “Marques de Borba, do Conselho de S. Magestade, hum dos Governadores do Reino, Grão Cruz das Ordens de Santiago e da Conceição, Vedor da Casa Real, Administrador Geral do Erario Regio, Vice-Presidente da Academia Real das Sciencias” (TRAVASSOS, 1820, p.1).

o inocente entregue ao severo preceptor, á tremenda palmatória, e aos negros jeroglificos do A.B.C.” (TRAVASSOS, 1820, p. 3); espaço esse que não permitia a alegria no ensino. Outra aproximação entre os autores residia no pontapé inicial para o ensino da leitura, partindo da sonoridade das palavras.

Como Costa e Azevedo, Travassos adotou o som das sílabas como pontapé inicial de seu método, que consistia

no impreterível uso dos acentos, e em algumas simples regras, por cujo meio se lê e se pronuncia uniformemente segundo está escrito; do que resulta grande facilidade para os principiantes, aos quais dentro de pouco tempo não faz falta a rigorosa acentuação de que se tem usado nas primeiras lições e leituras, lendo com igual desembaraço qualquer discurso escrito com a ortografia a mais ordinária (TRAVASSOS, 1820, p. 14).

O ensaio de Travassos dividia-se em seis títulos.

Quadro 2 – Capítulos do *Ensaio sobre hum novo modo de ensinar a ler (...)*, de Antonio Araújo Travassos.

Da pronunção das palavras, e dos fins para que se faz uso dos accentos
Dos sons ou pronunção das vogaes com seus diversos acentos, e sem elles
Das silabas de huma consoante antes de vogal, da irregularidade dos sons de algumas consoantes
Das silabas de duas consoantes antes da vogal
Das silabas acabadas em letra consoante
Dos nomes e ordem das letras do Alfabeto, e do modo de exercitar os discípulos nas primeiras leituras

Fonte: Desenvolvida pelas autoras.

As aproximações entre a obra de Travassos, *Ensaio sobre hum novo modo de ensinar a ler e Taboadas para a multiplicação dos numeros de 1 a 100 por cada hum dos mesmos números*, as *Lições de Ler* de José da Costa e Azevedo e, ainda, o Método Castilho remontam à característica tênue da linha divisora entre essas diferentes marchas que estavam em um momento de confecção, diferenciação e engendramento no Império brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar o impresso *Lições de Ler*, publicado em 1832 pela Typografia Nacional e escrito por José da Costa e Azevedo em um contexto de internacionalização de ideias pedagógicas e concepções acerca da alfabetização foi um desdobramento do trabalho de

pesquisa sobre vida e obra do português António Feliciano Castilho e sua vinda às terras brasileiras. Castilho foi incansável em denunciar o brasileiro Costa e Azevedo de plagiário, chegando a apontar como diferentes fontes desse plágio o trabalho do francês Joseph Jacotot e do português Travassos.

O encontro com o impresso de Costa e Azevedo e sua vida derivou das pistas que Castilho lançou em carta à sua esposa, relatando sua estadia em terras brasileiras. Fato é que Costa e Azevedo impôs uma postura de resistência unindo a si, aliado contrário à adoção da proposta metodológica que Castilho viera difundir em solo brasileiro.

Dentre inúmeros espaços ocupados, Costa e Azevedo tornou-se o primeiro diretor da Escola Normal de Niterói e o primeiro professor de todas as cadeiras nessa escola. O entendimento dessa disputa por espaço no campo dos impressos pedagógicos e nesse campo de atuação na primeira instituição de formação em Curso Normal no Brasil perpassava por posicionamentos políticos e relações de poder entre intelectuais e Estado. Para além de um modelo de alfabetização a ser adotado, esse cenário de embates entre diferentes propostas de métodos de alfabetização no Brasil Imperial remontou um contexto de disputas políticas, filosóficas, sociais, dentre outras que extrapolam as *querelas* dos métodos pedagógicos.

A obra de Costa e Azevedo, como a de Travassos, estava organizada em forma de lições, expressando uma possibilidade de contribuir para formar e orientar cotidianamente o professor a preparar sua aula. Observa-se a estruturação das aulas com a divisão do tempo, matéria e exercícios ordenando a liturgia da escola moderna.

Em uma perspectiva de longa duração, observa-se que as rupturas que Costa e Azevedo evocou para si não se materializaram na escrita de sua obra *Lições de Ler*. Porém, é imprescindível registrar que, ali, apresentavam-se posições antagônicas no campo dos métodos de ensino e na possibilidade e necessidade de se fazer conhecido perante a necessidade de o Império adotar uma dessas matrizes.

Esse embate Imperial, embora aparentemente bem esclarecido no campo das ideias pedagógicas republicanas, necessita ser problematizado nas práticas de nossas atuais escolas, questionando se essa ambivalência no ensino da leitura e escrita presente no método de Costa e Azevedo, bem como a evocação por um modo analítico que se reproduz no campo das *partes* da marcha sintética e graduada foi superada.

Dito isto, é importante salientar que tais impressos, por sua produção e pela amplitude de seu uso, deixam rastros emblemáticos para pensar o tema da inscrição dos saberes da escola primária em sua constituição histórica, no âmbito das sociedades letradas.

REFERÊNCIAS

- ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ), 1848, Edição 5.
- COSTA E AZEVEDO, José da. *Lições de Instrução Elementar às suas filhas Maria Joanna, e Maria Julia*. Lições de Ler. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1832.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes, GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p.475-491, set/dez,2004.
- CASTILHO, António Feliciano. *Correspondencia pedagógica*. Selecção, introdução e notas de Fernando Castelo-Branco. Instituto Gulbenkian de Ciência. Centro de Investigação Pedagógica. Lisboa/1975.
- CORREIO OFICIAL: In Medio Posita Virtus (RJ), 1836 Edição 81.
- DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 1846, n.7131, p.4.
- NOGUEIRA, Lacerda. *A mais antiga Escola Normal do Brasil*. Esboço de historia administrativa e episódios. Oficinas Graphics do Diario Oficial do Estado do Rio de Janeiro – Nictheroy, 1938.
- RIO DE JANEIRO, Arquivo Público da Cidade do Rio de Janeiro. Mapas da Instrucção Publica, 1857. Códice: 13-2-18.
- TABELLA demonstrativa do orçamento da despesa da povíncia do Rio de Janeiro para o anno financeiro de 1839-1840. [Brazilian Government Document Digitization Project](http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/770/000091.html). Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/770/000091.html>. Acesso em: 20 de junho de 2017.
- TRAVASSOS, António de Araujo. *Ensaio sobre hum novo modo de ensinar a ler, e taboadas para a multiplicação dos numeros de 1 a 100 por cada hum dos mesmos numeros*”. Lisboa: Impressão Regia, 1820.

RECEBIDO EM 10 DE JULHO DE 2017.

APROVADO EM 16 DE NOVEMBRO DE 2017.